

A Imprensa anarquista e sua relação com as minorias políticas na cidade de Bagé

Rafael Brignol¹
Marcelo Pimenta e Silva²

Resumo

No interesse de resgatar a história da imprensa da cidade de Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul, percebe-se o jornalismo alternativo como instrumento de inclusão de minorias sociais de papel ativo na sociedade, analisando um determinado período através das páginas dos jornais “A Dor Humana” – 1920 e “A Defesa” - 1910. Dessa forma, temos os veículos voltados ao movimento anarquista e operário de Bagé como instrumentos de propagação ideológica que muitas vezes tinham como justificativa conscientizar os operários da cidade. Esses impressos tiveram periodicidade efêmera e sobreviviam à margem da imprensa política e comercial do início do século XX. Eles buscavam difundir ideais de liberdade e igualdade social, idéias presentes no pensamento político anarquista.

Palavras Chave: Anarquismo, Imprensa alternativa, Liberdade, Igualdade.

The Press and its relation to anarchist political minorities in the city of Bagé**Abstract**

In an interest of rescue the history of the city of Bagé press, in Rio Grande do Sul State, the alternative journalism is perceived as an instrument of inclusion of social minorities which play an active part in society, analyzing a certain period through the pages of the journal “A Dor Humana” – 1920 and “A Defesa” – 1910. This way, there are the vehicles pointed to the anarchist and work movement in Bagé as an instrument of ideological propagation which many times were used to aware the city’s workers. These journals had an ephemeral periodicity and survived in the border of the political and commercial press in the XX century beginnings. They aimed to defend freedom and social equality ideals, present ideas in the anarchist political thought.

Key words: Anarchism, Alternative press, Freedom, Equality.

1 Acadêmico de Psicologia da Universidade da Região da Campanha – Urcamp. Integrante do Núcleo de Pesquisa em História da Educação – Urcamp, Bagé/RS.

2 Jornalista. Formado pela Universidade da Região da Campanha – Urcamp. Integrante do Núcleo de Pesquisa em História da Educação – Urcamp, Bagé/RS.

Introdução

Este artigo é parte de um estudo que está sendo desenvolvido em relação à mídia marginal que envolve as idéias e o movimento anarquista na cidade de Bagé, interior do Rio Grande do Sul. Para realização deste estudo contamos com uma fonte primária de jornais anarquistas regionais que denotam a história e mecanismos de subjetivação que atuam na sociedade através da mídia. Os jornais impressos classificados como anarquistas tinham um caráter marginal perante a imprensa política comercial da época, rompendo com a hegemonia social e econômica, na medida em que criava representações através de seus conceitos políticos, envolvendo principalmente a causa operária, sendo um meio de produzir a consciência política no trabalhador.

Dessa forma, buscamos através de uma análise frente aos veículos anarquistas da época, uma compreensão do universo ideológico do movimento na cidade de Bagé, mas, também, expandir com a análise dos jornais para o entendimento de toda a situação operária, política, econômica e social da cidade. Assim, é o interesse maior desse estudo, a longo prazo, identificar como se dava a relação das minorias políticas, como é o caso dos integrantes do movimento e, dos próprios trabalhadores, sejam eles homens ou mulheres, num período de expansão da industrialização no Rio Grande do Sul e Brasil. Relação que ocorria dentro de um contexto social em que a economia da cidade estava nas mãos de fazendeiros e de alguns empresários oriundos de outras localidades.

O desenvolvimento deste trabalho conta com a presença de duas áreas de conhecimento: Psicologia e Comunicação Social. Utiliza-se de conceitos oriundos da Psicologia Social que teorizam sobre a criação de representações sociais feitas pelo veículo impresso e a utilização do jornalismo para entender a história da imprensa local, também como instrumento de interferência na sociedade. Portanto, essa primeira verificação, usa como objeto dois jornais de um total de nove impressos de caráter anarquista encontrados nos arquivos públicos do museu do município de Bagé, “A Dor Humana” e “A Defesa”.

A imprensa gaúcha

O jornalismo em Bagé tem sua origem ligada a um contexto histórico em que as forças políticas do país compreenderam o poder que a imprensa passou a exercer na formação da opinião pública. Esse poder, inicialmente, é advindo do Estado monárquico português quando de sua transferência para o

Brasil em 1808. Após a consolidação das primeiras tipografias, a imprensa brasileira atravessou o século XIX tendo como principal símbolo da época a criação de diversas folhas voltadas para a crítica política. Rüdiger (2003) aponta o nascimento do jornalismo brasileiro com a construção do Estado nacional.

No Rio Grande do Sul, o primeiro jornal a ser publicado foi o Diário de Porto Alegre, em 1827. Contudo, a folha não pode ser definida como um jornal visto que seu formato era de um boletim direcionado à publicidade do governo. O aparecimento deste periódico impulsionou o surgimento de outras publicações, assim como inúmeras tipografias passariam a funcionar no Estado. Porém, o principal fator da expansão da imprensa no Rio Grande do Sul se dá pelo contexto político pré-Revolução Farroupilha (1835-1845) e isso fica evidente com as folhas assumindo um caráter político. Outro ponto que auxiliou a expansão de pequenas folhas, a maioria de pouca duração, é a economia local, cujo comércio se consolida de tal forma que passa a ser vital para os negócios com os anúncios publicados na imprensa.

Porém, ainda não é uma imprensa de caráter essencialmente comercial. Sua linha editorial é voltada para a política, sendo fundamentada em preceitos ideológicos que nada remetem aos conceitos de jornalismo moderno. Essa primeira fase da imprensa apresenta inúmeros jornais panfletários com linguagem agressiva, aspectos salientados por Rüdiger:

O conceito que guiava esses jornais era tão-somente político. Os textos tinham forte cunho doutrinário, consistindo de matérias opinativas sobre questões públicas, comentários ideológicos e polêmicas com os adversários de publicidade. A linguagem era extremamente virulenta, não poupando idéias, nem pessoas (RÜDIGER: Francisco: 2003, p 21).

Os jornais, em sua maioria, não pertenciam a políticos, mas, sim, aos donos de tipografias que viviam como nômades pelo Estado, sempre levando suas oficinas aos lugares em que podiam espalhar mensagens ideológicas. Esses tipógrafos precisavam sobreviver num meio em que a doutrinação política era um instrumento de negócio como qualquer outro.

Mais tarde, no período que antecede em alguns anos a abolição da escravatura, diversas folhas promoviam campanhas de discussão sobre o fim da escravidão. Esse envolvimento dos jornais com questões políticas passaria a ser freqüente, levando à esfera pública a discussão política. Com o tempo

estruturava-se no Estado o jornalismo partidário. Com a queda da monarquia e o advento da República, o jornalismo passa a ser associado aos “órgãos partidários”, ou seja, cada folha era a voz dos partidos políticos.



Jornal A Defesa: uma das primeiras vozes operárias na cidade de Bagé

Imprensa em Bagé

Os jornais eram feitos por polemistas que migravam de cidades em cidades para levar a contundência política às folhas ideológicas que se proliferavam por todo o Rio Grande. Esses “artesões da imprensa” fundavam jornais que tinham vida efêmera, porém foram responsáveis por estruturar as bases do jornalismo gaúcho. Um desses homens, que vindo de Pelotas, produziria o primeiro jornal de Bagé, o Aurora de Bagé em 1861, foi Izidoro P. de Oliveira, um dos pioneiros do jornalismo no Rio Grande do Sul. Na cidade de Pelotas, Izidoro fundou e dirigiu os mais diversos tipos de jornais, todos funcionando como verdadeiros “partidos políticos”. Ao chegar em Bagé no ano de 1861, após ser preso no ano

anterior por crime de imprensa, publicaria a folha intitulada Aurora de Bagé no dia 10 de setembro de 1861. A principal característica era sua verve agressiva e polêmica, contudo esse posicionamento traduzia a personalidade do proprietário do jornal que não se furtava a arregimentar inimigos pelas críticas e até a falta de ética em abordar assuntos da vida privada da comunidade. Dentre as mais diversas folhas, os principais jornais da cidade naquele período de final do século 19 e começo do século 20 eram impressos que funcionavam como órgãos representativos de ideologias políticas.

Com a República, a divisão entre republicanos e federalistas ganhava a esfera pública da sociedade gaúcha e os jornais travavam batalhas em suas páginas. Em Bagé, não era diferente com os jornais O Dever, órgão do partido republicano e a principal folha oposicionista Correio do Sul. Durante muito tempo esses foram os principais jornais da cidade. Com o término da ideologia partidária norteando os rumos do jornalismo em Bagé e a consolidação do jornalismo moderno, essencialmente comercial, o Dever encerrou suas atividades na década de 30 e o jornal Correio do Sul conseguiu manter suas atividades até o ano de 2008.



Jornal A Dor Humana: interferência na sociedade bageense

A questão operária no Rio Grande do Sul

Com o fim da monarquia, o cenário político via a ascensão do partido republicano, que tinha toda uma base na filosofia positivista de Comte. Nesse novo processo político que visava modernizar o Estado, havia o discurso de desenvolvimento industrial que buscava alterar o perfil pecuarista e agrário. Classes sociais surgiam, entre elas a classe operária, e tão logo novos espaços remodelavam as cidades com fábricas e bairros operários constituindo a realidade gaúcha.

As últimas décadas do século 19 apresentam um reordenamento do indivíduo no ambiente de trabalho. O trabalhador numa linha de produção passa a ser dependente da máquina, que por sua vez passa a ser simbolizada como instrumento de dominação para os operários, isso porque a mecanização propõe em cada estabelecimento a divisão de trabalho a partir de funções específicas. Essa divisão de trabalho buscava uma mão de obra que envolvia cada vez mais pessoas; indivíduos presentes em distintos universos sociais, mas, que por intermédio da industrialização, tornaram-se unidos num universo próprio: o da fábrica. Pesavento (1998) salienta, ao citar empresas como a Rheingantz, que mantinha cerca de 200 pessoas juntamente a trabalhadores vindos do exterior, assim como presos, órfãos do asilo da cidade de Rio Grande, isso como exemplo de empresa que expandia seu domínio sobre a cidade. O controle com domínio de capital cada vez maior aumentando sua produção com exploração de mão de obra é o principal fator para o descontentamento dos operários que passam a viver em condições semelhantes à escravidão.

O estabelecimento contava com diferentes seções, como de lavagem de lã, cardagem, fiação, tecelagem e tintura.

Trata-se, pois, de um processo de divisão do trabalho no interior da empresa e que pode ser ligado à própria construção do espaço de trabalho. Este, como se vê, não se limitava ao reduto propriamente fabril, onde se abrigavam as máquinas e se colocavam as diferentes seções. Havia a combinação entre o reduto da usina e o *domestic system* das costureiras que, no seu lar, executavam tarefas para a empresa. Da mesma forma, a parcelarização da produção atingia outros recintos, como é o caso da cadeia ou do asilo dos órfãos. [PESAVENTO, 1998 Sandra: p. 35].



Na reorganização da sociedade pela industrialização até a infância era explorada

Essa nova realidade em que o trabalho nas fábricas reordenava a vida comunitária, implantando a égide do capital sobre qualquer demanda social fará com que todo e qualquer espaço seja possuído pelas necessidades da fábrica. “[...] *É significativa a correlação da fábrica, da prisão e do asilo envolvidos na mesma rede multifacetada de um poder disciplinador burguês que busca implantar-se*” [Pesavento: 1998]. As fábricas se disseminaram tendo como suporte o apoio do partido republicano que pela ótica burguesa via como progresso social. O Estado não determinou os caminhos para esse reordenamento, mas, sim, acompanha e estimula a proliferação de qualquer tipo de fábrica, mesmo que esse detivesse funcionários em um ambiente servil.

O progresso econômico tão bem difundido pelo partido republicano no Rio Grande do Sul aumentava a disparidade entre as classes sociais. Esse progresso gerava acúmulo de capital para os donos das fábricas e companhias, e potencializava a exploração dos trabalhadores. A disseminação de um cenário em que a mão de obra é violentada a níveis absurdos gera no primeiro período da República a necessidade de uma tomada de consciência dos trabalhadores por maiores direitos e melhores condições de vida. É para criticar a questão de exploração que toda uma imprensa alternativa à imprensa comercial do período instala-se no Estado, levando aos trabalhadores as ideologias anarquistas e socialistas como bandeiras para uma luta de explorados contra exploradores.



Ilustração: Movimentos sociais reivindicam causas de cunho anarquista

Pesavento usa os jornais operários desse período como instrumentos de pesquisa que oferecem a idéia do cenário em que viviam os operários gaúchos; todavia, os jornais, naquele contexto histórico, passam a servir como agentes de formação de representações sociais, ou seja, a imprensa à margem do sistema interfere no meio social e cria subjetivações com seus “textos denúncia”, em que pese todo o caráter ideológico e panfletário de quem almejava mudar a ordem econômica e social. Com esses jornais, as maiorias com pouca duração por não receber apoio financeiro, além de sofrer censuras, servirão para fomentar uma consciência ao operariado. O autor utiliza um trecho do jornal *Echo Operário*, do município de Rio Grande, que em 1898 apresentava o dia-a-dia das fábricas da cidade:

Nas fábricas e nas oficinas, é como nas fazendas dos tempos da escravidão: nas quais os gerentes são iguais a fazendeiros, os chefes de seção se parecem com os feitores e os azoragues são os regulamentos vexatórios aos quais são submetidos os infelizes produtores (1º de maio de 1898) [PESAVENTO: Sandra: 1998 p. 38].

Imprensa anarquista em Bagé

A relação entre mídia e sociedade é observada através de pequenos recortes históricos tendo como ênfase as idéias anarquistas. O jornal é visto como um meio de comunicação produtor de subjetividade, assim compreende-se a utilização da folha como mecanismo de subjetivação a criar sentidos referindo-se a situação do operário e o proletariado em geral, reafirmando a identidade da classe, valores, politização e tentativa de ressaltar aspectos da consciência do trabalhador. Por esse meio é analisada a imprensa anarquista de Bagé, com sua característica local de produção de significados e formação de territórios existenciais dentro de um contexto econômico não favorável ao desenvolvimento de tais idéias. Ao se reportar a imprensa escrita como um órgão produtor de uma subjetividade específica, no sentido de que seus meios de expressão se dão através de formulações semióticas, percebe-se a intervenção que o material significativo tem a nível social, ainda que sem mensurar a capacidade de abrangência social do veículo na época. Os conceitos de liberdade e igualdade para os anarquistas vão estar relacionados com toda a doutrina, assim as representações feitas pelo jornal vão tratar de idéias específicas do movimento, estando incluso neste modelo a educação política que objetiva a conscientização do operário quanto a sua condição desfavorável na sociedade.

Segundo Jovchelovitch (2000) o jornal acaba sendo um produtor e reproduzidor de símbolos

que circulam no meio social. Desta forma, a pesquisa histórica envolvendo a imprensa escrita se caracteriza como uma fonte rica de representações de discursos que circulavam num determinado período histórico, assim se constitui um objeto de estudo através das representações sociais criadas em suas vias discursivas pelas páginas dos jornais, que se tornam fontes documentais de pesquisa. O que se pode acentuar é o caráter descontínuo em que a história se apresenta que segundo Foucault (1979), faz com que eventos não sejam estudados segundo uma lógica de sucessão de fatos e cronologia. É considerando o conceito de acontecimento histórico na concepção de história móvel sem sequência de sucessão de eventos, concebendo o acidente e a incerteza nos eventos que envolvem sempre micro-relações de poder veladas ao longo da história e que se perdem ao longo de estudos de cunho generalistas e pragmáticos. Assim, o estudo das páginas dos jornais anarquistas não figura nos grandes guias da história, é ao contrário, a história vista pela periferia de um meio de comunicação que se situa á margem de uma sociedade estruturada a partir de um modelo hegemônico capitalista.



Ilustração: Os jornais de cunho anarquista serviam para conscientizar o operariado de sua situação

Uma das formulações neste contexto histórico é o papel da imprensa operária e anarquista na tentativa de ser um órgão que busca promover a consciência do trabalhador quanto sua condição desfavorável na sociedade como classe explorada, e a conseqüente tentativa de politização da classe operária em relação a sua real situação, como a não resignação aos baixos salários e precárias condições de trabalho. Para isto o jornal se utiliza de recursos da retórica e ainda de produções textuais elaboradas com a utilização de ferramentas literárias.

A imprensa anarquista teve um papel acentuado em certas tendências do movimento que buscavam sua expansão com a difusão de seus ideais. A ideologia anarquista ia contra todo o modelo estrutural da sociedade, inserindo através dos jornais conceitos rejeitados pelo paradigma social, econômico e político do estado e da classe considerada alta, chamada de “burguesa”. O veículo de comunicação assim era considerado como “marginal”, sendo que a maioria dos jornais anarquistas permanecia na clandestinidade, não tendo fins lucrativos, geralmente não conseguindo produzir muitas edições. Os jornais anarquistas neste sentido eram criados segundo a lógica de que a revolução social se passa na clandestinidade, como aponta Bakunin (1999) na idéia de que a revolução social seja marcada pela luta acima de tudo, visando à liberdade total do indivíduo, percebendo a igualdade como única fonte de liberdade, onde não há relações de poder que envolvam submissão do indivíduo a entidades estado em nenhuma esfera social. Este conceito quebra com toda compreensão que se faz da autoridade, relações hierárquicas de qualquer tipo que se processam na estrutura social e são centralizadas pelo estado.



Mikhail Bakunin: idéias libertárias
reproduzidas pelos impressos à margem

O jornal anarquista chamado “A Dor Humana” relata neste trecho seus objetivos como veículo de comunicação do operariado:

Como todos os camaradas sabem, “A Dor Humana” é um órgão de defesa dos interesses da base operária que vem batendo-se denodadamente pela liberdade dessa classe vítima da opressão e do vilipêndio imposto pela burguesia capitalista. Eis o que obriga-nos a lançar um apelo aos camaradas conscientes que amam o seu ideal, para que todos concorram o seu auxílio para realização desse desideratum, que será de grande utilidade para classe operária e para o fim que temos em vista. Avante, companheiros nada de esmorecimento. (A Dor Humana 28/09/1920 pg.2).

A maioria política vigente partia de um princípio de exclusão do proletário e a proposta de uma sociedade igualitária pelos anarquistas visava o fim de qualquer tipo de privilégios de classes. Os jornais anarquistas propagavam seus ideais, sempre tendo como inimiga a classe burguesa que detinha o poder econômico e ditava as relações de trabalho com a utilização da mão-de-obra dos trabalhadores e baixas remunerações e péssimas condições de trabalho.

O nosso ideal é outro, não visa política e nem existe o domínio do homem pelo homem, nem explorações, o nosso ideal é a igualdade e a liberdade de todos os homens, cuja transformação anunciada pelo novo messias está próximo do seu advento. (Jornal “A Dor Humana”, 28/09/1920 pg.3)

A propagação dos ideais de liberdade está relacionada à quebra com as hierarquias sociais, onde o homem somente pode ser livre com a ausência do Estado e uma consciência coletiva do mundo. As hierarquias são ligadas à autoridade e o poder exercido por elas é alvo do que caracteriza o abuso nas relações de exploração, principalmente nas relações de trabalho.

Nada poderá produzir resultados práticos em favor da idéia que defendemos, como um bom jornal. Com o poder da imprensa, já quebraram-se às algemas fortes do obscurantismo e da escuridão. A imprensa é o maior fator da nossa cultura intelectual. Representa a fraternidade dos povos, fazendo-nos todos irmãos. O jornal é a boa e pacífica arma de defesa, entra em todas as causas, dissipa todas as idéias, invade todos os centros e pugna por todas as liberdades. Introduce os nossos pensamentos, representa o nosso credo o evangelho do nosso amor. Operários! Ampare o nosso órgão. (Jornal “A Defesa”, 1910).

O jornal é utilizado como um instrumento não somente de ataque, mas como o próprio nome do periódico sugere “A Defesa”, no sentido de primeiramente defender os direitos do povo e de forma pacífica, linha anarquista onde não era utilizada a luta armada ou qualquer forma de força física para lutar pelas ideais, mas sim de uma forma doutrinária, onde a ideologia está associada a um evangelho a

ser seguido. Segundo Woodcock (2002) o movimento anarquista teve em seu princípio a ruptura com as linhas comunistas e socialistas, em especial com o marxismo, assim foram criados núcleos anarquistas na Europa com diversas dissidências. Foi criada até mesma uma internacional própria, já que Bakunin fora expulso por divergências ideológicas com socialistas. Muitos grupos anarquistas na Europa aderiam à luta armada e ações terroristas com visibilidade ou não, outros agiam na clandestinidade com a propagação de idéias anarquistas por jornais, indicando a França, Espanha e Itália como países com grandes focos de grupos e pensamentos anarquistas. O meio impresso sempre foi de grande representatividade para o movimento anarquista, seja para tratar de forma doutrinária, incitando ou não a violência, mas principalmente era utilizado como instrumento para dar voz aos militantes na luta pelas causas comuns de liberdade e igualdade. O meio assim produzia uma repercussão social, criando representação a afetar não só os operários que consumiam o produto, mas também gerando a indignação da burguesia e das autoridades locais.



Operários (1933) por Tarsila do Amaral

Considerações finais

De uma maneira geral, a imprensa marginal tinha um caráter panfletário em suas idéias políticas, cujo interesse maior era levar os conceitos anarquistas de liberdade e igualdade para os operários de Bagé. Com textos que mesclavam um caráter de denúncia com alegoria, já que as próprias folhas usavam alegorias no discurso com poesias e contos que retratavam a condição do trabalhador no contexto do

começo do século. Embora não se possa mensurar o impacto social dos jornais anarquistas, pode-se compreender os mecanismos político ideológicos implicados na causa anarquista, bem como, sua potência de produzir discursos considerados subversivos pelas autoridades e parte da sociedade civil. Isto faz com que sejam produzidas representações sociais nas diversas esferas da sociedade, criando diversos conceitos em relação às idéias anarquistas.

A pretensão desse estudo é prosseguir na análise dos demais jornais anarquistas e também nos veículos operários, como jornais sindicais, para traçarmos um histórico da imprensa alternativa na cidade de Bagé e também na região sul do Estado, podendo compreender no futuro – como objetivo maior - o nível de participação dos operários em ações coletivas, tendo os jornais como motivadores destes grupos sociais.

Fontes das imagens (em ordem de colocação no texto):

Jornal A Defesa: Foto de Marcelo Pimenta e Silva

Jornal A Dor Humana: Foto de Marcelo Pimenta e Silva

Crianças na fábrica: fonte – <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/impressao.asp?artigo=576>

Ilustração de movimentos sociais: fonte – <http://historiabloggermet.blogspot.com/2009/04/movimento-operario.html>

Ilustração conscientização dos operários: fonte – http://espiritodocotidiano.blogspot.com/2009_07_01_archive.html

Foto de Mikhail Bakunin: fonte – <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/anarquismo/anarquismo-2.php>

Operários de Tarsila do Amaral: fonte – <http://pimentanegra.blogspot.com/2009/04/antonio-rodrigues-assuncao-autor-do.html>

Referências bibliográficas

A DEFESA, jornal. Bagé. Rio Grande do Sul, 1910.

A DOR HUMANA, jornal. Bagé. Rio Grande do Sul, 1920.

BAKUNIN, Mikhail. **Textos Escolhidos.** Org: Daniel Guerin. Porto Alegre, Editores LPM 1999.

DOM DIOGO DE SOUZA, Museu. **Anais de Bajé. Série I – Número I,** Bagé. Gráfica e Editora Santa Maria, 1963.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2000.

FOCAULT, Michel. **A Microfísica do poder**. São Paulo. Editora Graal, 2007.

PESAVENTO, Sandra. **O trabalhador e os pobres no RS**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1998.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo. Terceira Edição**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2003.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos Anarquistas**. Porto Alegre, LPM editores, 2002.

Recebido em março de 2011

Aprovado em abril de 2011

Arte: Nizea Coelho